

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

A MÃO DO FINADO

Havia um mercador que tinha tres filhas, e tinha por costume ir buscar fóra da cidade uma renda todos os annos.

Aconteceu fallecer a sua mulher, e tendo de ir receber a renda, custava-lhe deixar as filhas sosinhas. Disse então o mercador:

—Minhas filhas, eu preciso de ir receber a renda do costume, mas está-me custando ir, para as deixar sós.

As filhas responderam:

—Vá, meu pae, que não nos hade acontecer nada: nós havemo-nos de fechar por dentro, e não se consente que nioguem entre cá.

O mercador foi-se, fiado nas palavras das filhas.

Havia fóra da cidade uma quadriilha de ladrões, e o capitão d'elles andava á espera da occasião da partida do mercador. Assim que soube do dia em que o mercador sahiu da cidade, e, quando anoiteceu, estava e toda a sua quadriilha no canto da rua onde moravam as tres meninas.

Veio o capitão bater-lhes á porta, e como estivesse chovendo, pediu pousada do ar da noite. As meninas mais velhas compadeceram-se d'elle e queriam-no agasalhar: a mais moça disse:

—Não! lembrem-se da palavra que deram ao pae; dê-se-lhe uma esmola, e elle que vá com Deus. Pois não devemos desobedecer, ás ordens do nosso pae. Deus com certeza nos castigará.

Respondeu a mais velha:

—A menina como mais creança não determina nada aqui.

E o velhinho sempre entrou para dentro, deram-lhe na cosinha uma enxerga e disseram-lhe para elle entender a roupa, e puzeram-lhe a ceia diante.

As meninas depois de terem arranjado o velho, foram tambem ceiar; eis se não quando o velho abriu a porta da cosinha e veio ter com as meninas á meza e deu-lhes tres maças dormideiras, para comer á sobremeza. Ficou vendo se as meninas as comiam; as mais velhas comeram as suas, mas a mais moça não comeu e escondeu-a para o velho a não ver e não desconfiar. Foram-se as meninas deitar e as mais velhas pegaram no somno muito depressa: mas a mais nova não dormiu com medo, mas fingia tambem que dormia. Quando o ladrão viu que estavam já dormindo, levantou-se e foi ao quarto das meninas, puxou por um alfinete real, chegou ao pé da menina mais velha e deu-lhe uma picada a ver se estremecia. Ella não sentia a picada. Fez o mesmo á segunda; não sentiu. A mais nova com

medo do ladrão a matar, fez-se dormindo; elle fez-lhe o mesmo e ella não sentiu.

O ladrão trazia consigo uma espada, uma pistola e uma mão de finado, e poz n'uma banca estas coisas todas.

A menina mais nova abriu os olhos para ver a determinação do ladrão, e tornou-os a fechar. O ladrão accendeu o lume á mão do finado para as meninas ficarem mais pesadas no somno, e correu as casas para arrumar o que tinha a roubar. Abriu o alçapão que dava para a loja das fazendas entrouxou o que quiz, e abriu a porta da loja, e sahio a chamar a sua quadrilha. A menina mais moça levantou-se ao mesmo tempo que o ladrão sahio, viu as trouxas das fazendas promptas, e a toda a pressa atrancou a porta da loja. O ladrão que já vinha com a quadrilha, ainda se poz aos empurões á porta e disse:

—Foi a mais trocinha que me enganou, e que não comeu a maçã dormideira.

E começou a dizer que ella lhe havia de pagar tudo. Teve ainda a confiança de tornar a bater á porta, pedindo á menina que lhe desse a sua mão de finado. Elle respondeu de dentro, que a mão estava em labareda, e que não sabia como a devia apagar. Disse o ladrão, que a deitasse n'uma tigella de vinagre, que ella se apagava. A menina veio cá acima buscar a espada que o ladrão tinha deixado, e disse-lhe:

—Aqui está a mão do finado.

Ora na porta havia um buraco em cima em que cabia uma mão, e disse-lhe o ladrão.

—Metta a menina a mão pelo buraco.

—Se quer metter a sua, que eu lhe darei a mão do finado.

Vae o ladrão cae em metter a mão e a menina traçou-o com a espada. Os ladrões foram se embora, e o capitão com a mão quebrada. A menina foi para o quarto onde as irmãs estavam dormindo, apagou no vinagre a mão do finado, e ao mesmo tempo as irmãs começaram a estremecer, e acordaram. A boa da menina fel-as levantar, contou-lhes tudo, e levou-as a ver os signaes da desgraça em que estavam. Ellas ficaram assustadas, choraram muito, lembrando-se do que o pae lhes diria quando chegasse e soubessa que lhe tinham desobedecido.

Chegou o mercador da renda, e viu as filhas apparecerem muito tristes. Pediu a menina mais nova a seu pae que a escutasse; contou o que era passado e como se tinha livrado dos ladrões. O mercador chamou então as filhas e disse:

—D'aqui por diante daremos obediencia a sua irmã mais moça. Eu com ser pae, farei o que ella determinar, porque venho a conhecer que nos livrou da morte e de ficarmos desgraçados.

Theophilo Braga.



Ⓞ Diabo solto

Ha em todos os paizes e muito principalmente no nosso Portugal uma mina inexgotavel, que a nossa litteratura ainda não tem explo-

rado, e que encerra innumeradas riquezas occultas e envoltas, pela crista dos tempos, nos immensos adagios, anexins, rifões, lendas e crenças populares, cuja voga teve quasi sempre por origem um facto, não menos certo de que curioso e divertido.

Os nomes de uma terra, de um monte, de um valle, de um ribeiro, de uma fonte, de uma gruta, resumem quasi sempre interessantissimos episodios da vida dos povos, que a historia desconheceu, ou desprezou, com perda, talvez, das mais pronunciadas feições, que os tem caracterisado em todas as epochas, e pelas quaes melhor os poderiamos reconhecer e avaliar as causas dos grandes acontecimentos, cuja explicação hoje nos è difficil, ou mal attribuida.

O mez de Agosto era, para os nossos velhos, de maus auspicios: ainda lamentamos o extravio de um precioso documento, gothica lista dos dias «asiagos», que faziam tremer as nossas velhas; dias de eterna quesilia, em que ellas, bocejando, ainda mal despertadas dos pesadelos da madrugada, primeira zanga, principiavam per benzer-se cento e uma vez, com outros tantos esconjuros, que nem por isso as livraram de uma serie de lamentosos desastres, taes como uma topada que lhe desarraigara uma uoba, ou esmagara o melhor callo, uma cabeçada em que outra esfolará o nariz, um couce de agulha que a esta furará um dedo, um gato assanhado que aquella arranhara as canellas; e finalmente como estas mil outras arrelias, pelas quaes estava de plano assentado, que em taes dias se não

devia deitar gallinbas, curar meadas, encher chouriços, etc., porque os ovos goravam, as meadas ficavam negras e quebradiças, os chouriços criavam ração e fortun, e, para o dizermos de uma vez, parecia que todo o ser sensivel e insensivel se conspirava ou resentia da maligna influencia predominante n'esse correr de sol a sol, em que outr'ora Caim matara Abel, Sodoma e Gommorra foram incendiadas, Judas se enforcara, depois de haver entregado a Christo, e, tornando ao presente mez de Agosto, lembra-nos bem, era mais que todos, impregnado d'estes nefastos dias, a contar do dia 4 em que se perdera el-Rei D. Sebastião, e, com elle, liberdade, grandeza e o futuro de Portugal.

Ora já se vê, que em vista dos documentos acima conteúdos e referidos, as nossas velhas carradas de razão tinham para lançar borrões nos calendarios e reportorios sobre certos dias, em que nomeadamente entrava o de 24 de Agosto, em que este escrevemos, porque em tal dia andava o diabo solto; contra a opinião dos melhores interpretes do Apocalypse, que dizem fôra amarrado no anno de 800, em que Carlos Magno subira ao throno, até 1800, em que Napoleão empolgara o poder na França, e n'elle, com elle, ou por elle se soltara sobre toda a Europa.

Seja, ou não, certa a longa prisão dos mil annos, o facto è que, durante ella, o diabo era effectivamente solto no dia 24 do corrente pelo menos, na freguezia de S. Bartholomeu da Charneca, uma das mais antigas dos suburbios de Lisboa, situada na parte mais elevada dos

montes, que a guardecem pelo norte.

Alli, a imagem do Apostolo, orago, de pau sauto não cede em dimensões ao mais corpulento habitante do sitio, e tinha amarrado com uma corrente aos pés, um formidavel diabo com cara humana, amacacada, e enroscado corpo de serpente, avultando sobre o altar, e, bem ou mal participando das genuflexões dos fieis: no dia porém da festa do Santo, em que era transportado do lado direito ao meio do altar, desprendia-se o Lucifer do cinto do Santo, e era atirado para a casa da cera, de tal gesto que tinha os focinhos já bem esmurrados; e elle, que não é para soffrer impudente taes insultos, vingava-se quasi sempre com um temporal desfeito, que descarregando sobre o campo espaçoso e desabrigado da feira, levantava nuvens de pó e as fraldas ás saloias, levando pelos ares as bigornas dos Maneis Joões, e não poucos annos as barracas dos quinquilheiros e botequineiros, com grave perda de côpos, limonadas e toda a mais quitanga, causa muito para ver e rir, gritando todos que andava o diabo solto.

E solto ficou de uma vez em que no redemoinho do costume, levou pelos ares o chapéu do sacristão, até ir servir de escabello ás patas de um cavallo; o sacristão aturdido, apupado e vingativo, foi à casa da cera, tirou e levou o diabo para casa, lançou mão de um machado e o reduziu a estilhas com que mais de quinze dias cozeu os feijões; foi o caso no anno da invasão dos francezes, e se o diabo solto andava, desde então mais solto para sempre fi-

cou.

A. LOUREIRO.



Se tu me quizeses ver
Na raiz do coração,
Bem me podias vir ver,
Que as noites bem grandes são!



Olha o cravo, quando nasce
Logo cheira que rescende
Não ha cousa mais humilde,
Do que amor quando pretende,



Compraste um manto de seda,
Cuidando que te casavas;
Ainda has-de comprar outro
E ficar conforme estavas.



Os filhos da minha filha
Todos meus netinhos são;
Os filhos da minha nora
Talvez sim ou talvez não.



RECTIFICAÇÃO

Por lapso de composição typographica, sahio firmado pelo sr. A. Thomaz Pires, quando o devia ser pelo sr. Theophilo Braga, o artigo *Deu-lhe o Trangolo Mango*, publicado em o n.º 8, XII serie, d'esta *Revista*.